

CLEPUL
em Revista

7

Outubro de 2015



O que é o FOLIO?

Uma festa literária.

Em 11 dias de pura ficção, 200 autores de todo o mundo reúnem-se em Óbidos, uma Vila medieval Portuguesa, para conjugar o verbo literar. É pura ficção.

O FOLIO AUTORES

Literatura – com o FOLIO inventamos um novo verbo – o verbo “literar”. Queremos que Óbidos seja um local de encontro, não apenas em outubro, mas durante todo o ano, de escritores, de alunos, de professores, de editores, de estudiosos, de livreiros, de todos aqueles para quem a palavra e a literatura são a sua profissão, a sua inspiração, a sua vida.

Mais de uma centena de autores, nacionais e internacionais marcam presença em Óbidos para debates, mesas-redondas e entrevistas. É uma grande festa da literatura, do livro e das ideias, muito focado

na língua portuguesa e na lusofonia, em particular no Brasil, mas sem esquecer o resto do mundo. A intenção é surpreender os leitores, juntando autores muito conhecidos, e outros ainda não tão divulgados em Portugal, mas de reconhecida qualidade, discutindo temas atuais. Estes debates, tendo início nos palcos, certamente alastrarão depois às ruas e praças de Óbidos durante todos os dias e noites do festival, num convívio entre os autores e os seus leitores. Um encontro com a presença de mais de cinquenta escritores nacionais e internacionais. Curadoria de José Eduardo Agualusa.

A FOLIA

O programa inclui música, teatro, cinema, exposições, aulas, maratonas de leitura, muitas sessões de conversa fiada. Os artistas celebram o triângulo Portugal-África-Brasil, os au-

tores que admiramos e nos inspiram, têm como mote a pândega. Vão apresentar, quase sempre, uma intervenção original, criada propositivamente para a Folia. Cruzam o seu universo particular com o dos temas do Folio, com a literatura.

Curadoria de Anabela Mota Ribeiro

O FOLIO EDUCA

Uma ambiciosa programação que mostra que a leitura e a literatura estão sempre envolvidos com todas as outras áreas da vida, da sociedade. Ao longo de dez dias em Óbidos o FOLIO Educa reúne os mais importantes agentes, protagonistas e pensadores relacionados com temas educativos e com a literatura, a leitura e as literacias, tão atuais e urgentes dentro e fora de escolas, bibliotecas, museus, centros de ciência. Durante o FOLIO o programa organiza-se por temas

como “Música e Literatura”, “Matemática e Literatura”, “Artes Cênicas e Literatura”, “Filosofia e Literatura”, entre outros.

Contando com parcerias nacionais de relevo, tais como a da Rede de Bibliotecas Escolares, e convidados nacionais e internacionais de referência, o FOLIO Educa inclui um Seminário Internacional de dois dias, formação de professores e professores bibliotecários, dezenas de oficinas de mediação de leitura, tertúlias temáticas e workshops improváveis.

Curadoria de Teresa Calçada e de Maria José Vitorino

O FOLIO ILUSTRA
Acontece em torno da PIM! – Mostra de Palavras, Ilustração e Movimentos de Leitura. Esta mostra internacional de ilustração conta com a presença dos mais prestigiados criadores portugueses e brasileiros na área da literatura infantojuvenil, com uma coleção ímpar de ilustrações originais de livros editados. É homenageado o

trabalho de Maria Keil que serve como lugar-raiz para uma viagem pela obra de mais de meia centena de ilustradores que nos convidam a ler a cor, a textura, as linhas, as formas, as palavras. Portugal redescobre o Brasil pela ilustração como forma de expressão de técnicas e identidades artísticas. Conceção e Curadoria de Mafalda Milhões, com a colaboração especial de Dora Batalim Sottomayor

INICIATIVAS PROMOVIDAS PELO CLEPUL

15 de Outubro
Exposição “Óbidos”, de Sérgio Cezar
Artista carioca constrói Óbidos em miniatura, a partir de papelão, desperdício, lixo, etc. Simultaneamente, passam vídeos do seu trabalho. Telheiro da Praça de Santa Maria

16 de Outubro
17h00, Galeria Pelourinho
Exposição “Vim, vi e Li”, de Maria João Coutinho e Simion Cristea

17 de Outubro
18h00, Galeria Pelourinho
Leitura: *Obra Completa do Padre António Vieira*. Leitura de excertos. Apresentação por José Eduardo Franco e Pedro Calafate.

18 de Outubro
18h00, Galeria Pelourinho
Lançamento e apresentação de obras de membros do CLEPUL

19 de Outubro
11h00, Escolas de Óbidos
Leitura / Debate para Grupos Escolares Africanas
Trabalho com os alunos do quarto ano de escolaridade
Textos: *O gato e o escuro*, de Mia Couto (duas linguagens/duas leituras), da responsabilidade de Maria Raquel Álvares
Conchas e Búzios, de Manuel Rui Monteiro (leitura orientada e discussão), da responsabilidade de Carla Ferreira
O Lobo e o Chibinho (leitura e Comentário), da responsabilidade de Glória Brito

20 de Outubro

18h00, Capela de São Martinho

Cinema: *Orfeu Negro* de Marcel Camus

Palma de Ouro do Festival de Cannes, 1959, e Óscar de melhor filme estrangeiro em 1960.

Seguem-se comentários de Vania Chaves, Madalena Gonçalves e Paula Carreira.

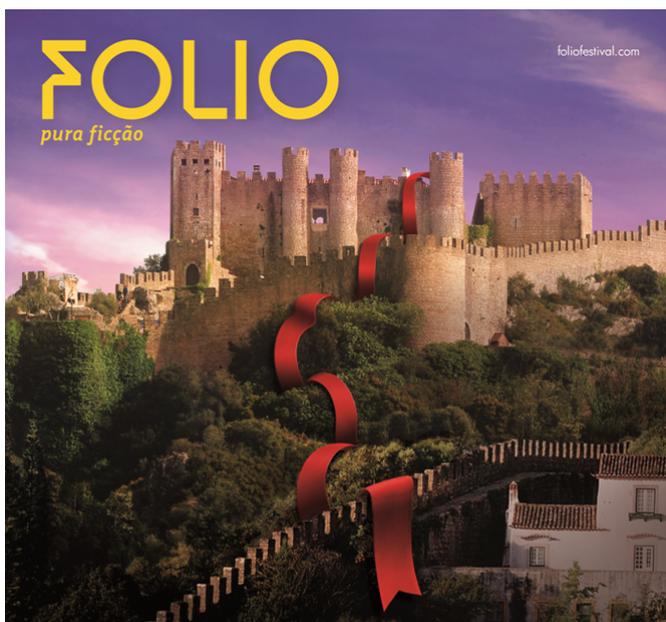
22 de Outubro

18h00, Galeria Pelourinho

Vladimir Queiroz, poeta de Salvador da Bahia,

em conversa com Virgínia Carmo.

A programação integral do festival encontra-se disponível em <http://www.foliofestival.com>



15>25 OUT 2015 | FESTIVAL LITERÁRIO INTERNACIONAL DE ÓBIDOS



FOLIOAUTORES

Mesas-redondas, debates, conferências com mais de 50 autores de vários países.



FOLIOEDUCA

Uma inédita combinação entre jovens, estudantes, professores e bibliotecas, a promover hábitos de leituras.



FOLIOFOLIA

Música, cinema, teatro, performance, artes: novas formas de sentir e respirar a palavra.



FOLIOILUSTRA

Uma mostra única com ilustrações, artistas e criadores nacionais e internacionais.

Patrocínio:

ÓBIDOS

oob Creative

MUNICÍPIO DE ÓBIDOS

MARCA CENTRO

OCITE

BRASIL

ÓBIDOS
VILA LITERÁRIA

Colóquio e exposição

A Arte Chocalheira, candidata à lista da UNESCO como Património Imaterial da Humanidade

No dia 5 de Setembro passado, a Associação Cultural de Montalvão *Vamos à Vila* organizou um evento em Montalvão, pequena aldeia situada no concelho de Nisa, que constou de um Colóquio e uma Exposição, sob o tema geral *A Arte Chocalheira*.

Com esta realização, quis a *Vamos à Vila* apoiar a primeira candidatura, em Portugal, à lista da UNESCO de Património Cultural Imaterial com Necessidade de Salvaguarda Urgente. Ao mesmo tempo, a Associação celebrava o facto de, embora formalizada em Janeiro de 2010, ser o resultado de uma anterior ideia de se fazer em Montalvão uma exposição de chocalhos, que veio a transformar-se num projecto, o qual, por sua vez, seria concretizado através de um Acordo de Cooperação entre o então Centro de Tradições Populares Portuguesas 'Prof. Manuel Viegas Guerreiro',

unidade de investigação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e da FCT, em colaboração com a Câmara Municipal de Nisa. O projecto, a que se chamou globalmente *Montalvão, um Povo, uma História, muitas Memórias*, foi desenvolvido por Ana Maria Paiva Morão, investigadora do CLEPUL e hoje do CLEPUL e por Rui Diogo Correia, em duas vertentes que se completavam mutuamente, traduzindo-se a primeira por uma Exposição de objectos ligados à pastorícia, onde naturalmente figuravam diversos tipos de chocalhos, e a segunda de um livro com DVD, intitulado *A Pastorícia Em Montalvão. Um Património Do Passado Para Um Futuro*, no qual se abordavam várias questões relacionadas com a utilização dos mesmos.

Estando, pois, na génese da Associação *Vamos à Vila* uma certa ligação

com a Arte Chocalheira, entendeu a sua Direcção fazer todo o sentido organizar este evento, que se realizou na Casa do Povo, cedida para o efeito pela Junta de Freguesia de Montalvão. Não podendo estar presente, não deixou a Directora Regional da Cultura do Alentejo, Dr^a Ana Paula Amendoeira, de endereçar à Associação as mais elogiosas palavras, tanto pelo trabalho anteriormente realizado como, agora, pela importância de mais esta realização em prol da Salvaguarda do Património Imaterial Português.



Foi este, precisamente, o tema da primeira intervenção do Colóquio, pela Presidente da Direcção da *Vamos à Vila*,

Ana Maria Paiva Morão, que, começando por lembrar que já Leite de Vasconcellos alertava para a premência de salvaguardar este património («Acudi, enquanto é tempo»), passou a referir o papel crucial que as Associações Culturais podem ou devem desempenhar neste processo, dando como exemplo a *Vamos à Vila*, que, apesar da exiguidade de apoios institucionais, tem realizado «pequenos milagres».

O Colóquio organizou-se em dois painéis.

No primeiro, dedicado ao fabrico e utilização dos chocalhos, começou por ser exibido um curto documentário preparado pela *Vamos à Vila*, com base na actividade da Casa *Chocalhos Pardalinho*, de Alcáçovas, e numa perspectiva de continuidade e futuro de uma arte tradicional.

O antropólogo Paulo Lima, coordenador desta candidatura, falou do processo de inscrição na Lista da UNESCO do Património Imaterial tanto da Arte Chocalheira como de outras

candidaturas e dos problemas que lhes subjazem, focando sobretudo a importância do próprio processo. Referiu, igualmente, o efeito de desenvolvimento económico e turístico que as candidaturas podem ter para as regiões que as propõem, não deixando de acentuar que algumas questões devem ser objecto de reflexão.

Por sua vez, Ana Pagará, historiadora de Arte e conservadora do Mosteiro de Alcobaça, que acompanhou activamente este projecto de candidatura, falou sobre as famílias de chocalheiros na Vila de Alcáçovas. A partir da aturada investigação que fez sobre estas famílias, relatou as interligações pela via do casamento e falou da passagem da arte de pais para filhos, tendo focado que uma das razões do declínio da arte chocalheira foi o facto de, a dada altura, só nascerem filhas nestas famílias, pois as raparigas, pela violência física do processo de fabrico, não deram continuidade ao ofício dos pais.

Para fazer a ponte com o 2º painel, este dedicado aos diferentes usos dos chocalhos, foi exibido outro pequeno filme com testemunhos de antigos pastores da zona de Montalvão e arredores, que falaram não só sobre o como e o porquê do uso dos chocalhos nos rebanhos, como referiram pequenas histórias, tal como o facto de, ao contrário das grandes “mangas” do gado vacum, propriedade dos lavradores mais abastados, os chocalhos do gado “miúdo” (ovelhas e cabras) serem pertença dos pastores, que os compravam pelas feiras e neles tinham brio, chegando a escolhê-los pelo som e a trocá-los entre si.



Pretendia-se, nesta altura, e como complemento a estes testemunhos, questionar uma jovem agricultora que cria merinos da Beira Baixa, sobre a razão pela qual usa chocalhos no seu rebanho, confinado a terrenos aramados, o que contraria a ideia de que os chocalhos serviam unicamente para localizar os animais. Na impossibilidade de estar presente, não deixou a jovem de pedir que a sua resposta fosse transmitida aos presentes. É que, disse ela, através das alterações ao som dos chocalhos consegue saber se há qualquer agitação no rebanho, que é por vezes provocada pela presença no ar de abutres a rondar animais fragilizados; depois, simplesmente, porque gosta de os ouvir...

O 2º painel seria aberto por António Pita, Presidente da Câmara Municipal de Castelo Vide, que apresentou o modo como aquela vila alentejana vive o período da Páscoa e onde, após a Vigília Pascal na Igreja

Matriz, ao ser anunciada a Aleluia, centenas de pessoas, dentro do templo e outras cá fora, fazem soar ruidosamente os seus chocalhos, percorrendo depois, durante a noite, as ruas de Castelo de Vide, num espectáculo impressionante que atrai milhares de visitantes.

Como também em Montalvão essa tradição existe e se mantém, e depois de exibido um pequeno documentário sobre o anúncio da Aleluia com chocalhos nesta aldeia e no qual era evidente a evolução de uma tradição na qual hoje participam mulheres e crianças pequenas, Ana Maria Paiva Morão, agora na qualidade de investigadora de Literatura Oral e Tradicional, completaria o painel abordando ainda outros usos dos chocalhos.

Depois de referir que estes, tal como os sinos, aparecem em lendas de mouras encantadas a assinalar locais onde se encontram tesouros enterrados, a investigadora falou, então, sobre as “chocalhadas” de cen-

sura e punição, nas perseguições e troças aos viúvos que contraissem segundas núpcias e dirigidas aos casamentos considerados atípicos numa sociedade conservadora (velhos com novos). No primeiro caso, mostrou um excerto de uma História de Vida, de uma recolha efectuada em 2003 na Malhada Sorda, Guarda, e registada no ADLOT (Arquivo Digital de Literatura Oral Tradicional), desenvolvido pelo então CTPP. Contava, então, a que fora uma noiva vítima de chocalhada: «(...) – Olhe eli, nós, vieram, apartaram-nos na Guarda, a cada um em sê carro, **a ver se me metiam em casa sem nos fazer a tchocalhada**. Era uns chocalhos, era montar num carro de burros ou dos bois (vá, p'rá menina entender bem) numa carroça (que agora já são carroças), puseram no burro e à carroça e a ele **puseram-no no cimo do carro com tantos chocalhos, chocalhos dos animais** (nunca viu à sua mãe? Ah,

esta não é a da que está lá a viveri, mas à sua tia, também às vacas e assim tchocalhos) e a tocarem os sinos da torre, tum- catalum, tum- catalum, a rebate como se fosse a fogo. (...)». (<http://www.adlot.fl.ul.pt/community>).

A desaprovação social aos casamentos dos viúvos era logo incutida nas crianças, implicitamente (a negrito na quadra abaixo) nas Canções de Roda, como é o caso da conhecida *Triste vivinha*, cuja segunda quadra reza: «Já lá leva dois cabaços* / Três ou quatro há-de levar / **É bem feito, é bem feito** / Não acha com quem casar» (* levar cabaço: sofrer uma não aceitação, uma negativa)

Para a crítica aos casamentos entre novos e velhos, recorreu Ana Morão a versões do Cancioneiro: «O beijo que ambos trocaram / Na noite do seu casanço / A ela soube-lhe a queijo / A ele soube-lhe a ranço.» (Leite de Vasconcellos, *Cancioneiro Português*, II)

A investigadora relatou, embora contidamente, o caso de uma chocalhada de que teve conhecimento oralmente e que se deu em Montalvão em tempos não muito recuados, a uma mulher que, tendo abandonado o marido, se apresentou com um outro homem na terra, da qual teve de fugir depois de o povo lhe ter feito a chocalhada à porta de casa, à qual nunca mais regressaria.

Outro dos usos dos chocalhos que referiu foi nas máscaras masculinas dos ritos de Inverno, salientando o valor simbólico da “chocalhada” aplicada às mulheres, em especial as jovens, tendo exibido outro curto filme, mostrando os Caretos de Podence (Trás-os-Montes) e outras máscaras ibéricas.

O Colóquio encerraria com uma surpresa para todos os presentes e, até, para os conferencistas, ao ser exibido o original Chocalhofone, instrumento musical composto por chocalhos modelo “picadeira”, criado no

âmbito da Candidatura da Arte Chocalheira e tocado em 21 de Junho, num concerto realizado na Igreja Matriz de Alcáçovas pela Orquestra Sinfónica Juvenil, que interpretou a *Pastorale*, escrita expressamente para a ocasião pelo Maestro Christopher Bochmann, com a intenção de fazer a ligação entre dois mundos sonoros – o som do campo e o da sala de concertos.



O instrumento, exclusivamente cedido pela Orquestra à *Vamos à Vila* para este evento, foi tocado em Montalvão por Nuno João Casteleiro, que estudou percussão na Escola Superior de Artes Aplicadas, em Castelo Branco, cidade onde agora é professor no Conservatório. Numa inteligente e divertida actuação, Nuno Casteleiro apresentou à assistência o som do Chocalhofone, interpretando diversas peças musicais, infantis, eruditas e tradicionais alentejanas.

Na Exposição que fazia também parte deste evento, localizada na Casa do Forno, a Associação *Vamos à Vila* reuniu vários tipos de chocalhos, desde as grandes “mangas”, “meias mangas” e “reboleiros” do gado vacum, pertença das antigas Casas Agrícolas montalvanenses, até aos chocalhos e “esquiloas” do gado miúdo, cedidos por pastores locais que ainda os conservam, passando pelos “cascavéis” (gizos usados na

arte da falcoaria) e chocalinhos de perus. Estava também exposta a sequência das várias fases do fabrico dos chocalhos, oferecida pela Casa Pardalinho, e uma “serrana”, enorme chocalho usado nos bodes durante a “romaria das ovelhas” ou no 1.º dia da transumância, com dois tipos de badalos, que produzem sons diferentes consoante a região que os encomenda, nortenha ou a sul, e outro de ponta bicuda, destinado a terras barentanas. Na Exposição estava também sugerido o “canto do pastor”, onde este reparava os chocalhos, com a enxó, meãs, badalos semi-talhados e toscas “cáguedas” / “tasgas” ou “chavelhas”, bem como a arquinha cheia de farelo onde os chocalhos eram protegidos da humidade. Espalhadas pela sala, encontravam-se fotografias antigas e uma colecção de “cáguedas” (cavilhas de prender as coleiras) adornadas a canivete.

Puderam também ser admirados, pela primeira e talvez única vez

fora de uma praça de touros, dois belíssimos conjuntos de chocalhos dos cabrestos de uma das mais conceituadas ganadarias do País, a Casa Pinto Barreiros.

No compartimento de entrada, a do forno, dois manequins vestidos a rigor simulavam a jovem forneira prestes a ser “chocalhada” por um Careto de Podence, figura insólita em terras alentejanas. Aí ficou em exibição, igualmente, o Chocalhofone.



Saldou-se esta iniciativa da Associação Cultural de Montalvão por um elevado interesse por parte de um público eclético, interessado e bem documentado. Entre ele, especialistas de várias áreas fizeram questão de demonstrar o seu apreço.

A quem estranhar que este tipo de eventos, que exigem tanto esforço e empenho, seja realizado numa aldeia com talvez menos de 400 habitantes, na sua maioria idosos e muitos iletrados, poder-se-á responder que, se é aí que reside ainda um

Património Imaterial de imensa riqueza, é aí que, ao colhê-lo, analisá-lo e estudá-lo, deverão os resultados serem também apresentados, minimizando, assim, o eterno divórcio entre Academia e Comunidades. **Ana Maria Paiva Morão**

Vieira Global

Com a publicação da *Obra Completa Padre António Vieira* pelo Círculo de Leitores fica provado o que muitos afirmavam mais por intuição do que por conhecimento integral: Vieira é um dos maiores pensadores mundiais da Época Moderna e, sem dúvida, o Imperador da Língua Portuguesa, como genialmente o definiu Fernando Pessoa. José Saramago, que não era propriamente entusiasta dos Jesuítas, não teve hesitações em afirmar que a língua portuguesa nunca foi tão bela como quando foi falada e escrita pelo Padre António Vieira. Os dois destacam o patamar estético mais alto a que chegou Vieira como es-

critor: mais do que um escritor, Vieira foi um artista da língua.

Este que já é considerado o maior projeto editorial de sempre, está a ser continuado no quadro de um projeto mais vasto chamado “Vieira Global” que engloba a preparação em curso, cumprindo o fito da transferência de conhecimento, de um *Dicionário de Vieira* com carácter pedagógico para as escolas e as universidades, e, para atender ao ideário da internacionalização, a tradução de uma obra seleta de Vieira para 14 línguas.

Numa iniciativa inédita da RDP, Antena 2, com a assessoria científica do CLEPUL foram preparados e emitidos, com a

conceção e locução do jornalista Luís Caetano, 40 programas a partir da *Obra Completa* de Vieira e com leitura de textos e entrevistas à equipa dos seus coordenadores investigadores. Foi um momento único da rádio portuguesa que contribuiu imenso para divulgar e convidar um público alargado a ler, estudar e conhecer melhor um do nomes maiores da literatura portuguesa e mundial.

Luís Caetano assinalou o dia de aniversário da morte do padre António Vieira com uma edição especial do programa A Força das Coisas (<http://www.rtp.pt/play/p321/e202089/a-forca-das-coisas>). **José Eduardo Franco**

Ciclos e Movimentos

Ciclos e Movimentos foi um programa mensal transmitido na RTP2 entre Abril e Setembro. Nos seis episódios, conduzidos por Rui Pego e coordenados por Luís Costa, abordaram-se as transformações sociais ocorridas desde 1989, num debate que contou com a opinião de cinco personalidades: Fausto Neves (professor de música no Conservatório de Aveiro, pianista, dedica-se ao estudo e interpretação de música contemporânea), Francisco Laranjo (artista plástico, professor catedrático e diretor da Escola de Belas Artes do Porto), Isabel Ponce de Leão (professora catedrática e investigadora da Universidade Fernando Pessoa, com trabalho de investigação no domínio da literatura contemporânea e da sua interacção com a arte), Rui Andrade (professor catedrático e investigador da Univer-

sidade de Aveiro, ocupa-se das novas tecnologias da comunicação e do seu impacto na sociedade) e Vasco Magalhães (Padre e Jesuíta).

De facto, nos últimos 25 anos – coincidentes com a queda do muro de Berlim, daí a referência a 1989, registaram-se profundas alterações na sociedade e na vida em comum. Intensificou-se a globalização, quebraram-se as “velhas ideologias”; mudaram-se as formas de olhar o mundo e as formas de criação artística e cultural, com a introdução da sociedade digital; a literatura e a música passaram a ter abordagens que refletem essas mesmas alterações; a ciência e a tecnologia conheceram o mais rápido desenvolvimento da história da humanidade; por outro lado, quando a globalização deveria aproximar os cidadãos e esbater as diferenças culturais, cresceram as

intolerâncias e apareceram novas interpretações do mundo.

O fim das ideologias, o mundo virtual proporcionado pelas novas tecnologias que conduz a alterações na percepção do mundo real, na relação do Homem com o transcendente, a dinâmica entre os *media* e a sociedade, a centralidade do indivíduo no universo mediático, a manipulação, a ilusão do poder, a cidade: espaço de liberdade ou repressão, a cidadania activa e as religiões foram os principais temas tratados nesta série de debates que culminou com uma síntese e respectivas conclusões.

O CLEPUL esteve representado por Isabel Ponce de Leão.



Feira do Livro do Porto

No presente ano, a Feira do Livro do Porto homenageou Agustina Bessa-Luís. O CLEPUL, parceiro do Circulo Literário Agustina Bessa-Luís, foi chamado a colaborar nas actividades

abaixo indicadas através de Isabel Ponce de Leão (membro integrado) e de Maria do Carmo Mendes (membro colaborador). Ainda no âmbito da Feira do Livro, Isabel Ponce de Leão apresen-

tou, a 18 de Setembro, pelas 21h, a obra do membro integrado do CLEPUL, Carlos Mota Cardoso, *Rui Rio, Raízes de Aço* da editora Verso da História.



AOS SÁBADOS - 18h PORTO - 2015

Placa de homenagem a Agustina Bessa-Luís

05 SET.
JARDINS DO PALÁCIO DE CRISTAL

HÓNICA BALDAGUE
ISABEL PONCE DE LEÃO
LITA SEABRA

WWW.UINOBJETOSEUSDISCURSOS.COM

UM OBJETO E SEUS DISCURSOS POR SEMANA

A Avenida das Tilias transformou-se na alameda dos escritores, primeiro com Vasco Graça Moura, a quem foi simbolicamente dedicada uma tília e uma placa com um excerto de um dos seus poemas na Feira do Livro 2004. Este ano a homenagem será Agustina Bessa-Luís, referência maior da literatura portuguesa. Três convidadas particularmente ligadas à sua vida e obra juntam-se à homenagem e fazem do percurso da escritora.

entradas gratuitas

Porto



Homenagem a Agustina Bessa-Luís

SÁB 5 17H00 (Instituição das Tilias)
Atribuição de tília de homenagem a Agustina Bessa-Luís

Quintas de Leitura

QUI 17 22H00 (Audi-BRAGA)
UMA TÍLIA PARA AGUSTINA

Conferência:
Maria do Carmo Mendes, Isabel Ponce de Leão
moderadora: Inês Mendes

Leituras:

Ana Zanetti, Inês Mendes, Mónica Baldaque, Cristiana Sabino,
Mariana Gomes, Mariana Albuquerque, Adriana Faria, Sofia de Melo Araújo,
Nassoline Miranda, Mariana Ferraiz

Fotografia / Imagem de fundo:
Teresa Castro Ribeiro

Música:

Marina Pacheco (guitarra) & Olga Amora (piano)
Tua Campos (voz e passagens)



“Conversas no Café-Bar: *Essa alma pública duma vila*”

No dia 12 de Setembro, sob a égide da inauguração da escultura honorífica de Teixeira de Pascoaes a ter lugar no Café-Bar pelas 14h30, o Presidente da Câmara Municipal de Amarante, José Luís Gaspar e o proprietário do Café-Bar, Rodrigo Silva, reuniram-se com todos os interessados, pelas 10h00, no primeiro ciclo das “Conversas no Café-Bar: *Essa alma pública duma vila*”, momento dedicado à celebração da palavra, da poesia, da literatura, da filosofia e da arte do vate amarantino, Teixeira de Pascoaes.

Celebrando a efemé-

ride em epígrafe, parte integrante do Triénio Pascoalino, António M. Feijó e Manuel Ferreira Patrício, professores catedráticos, pensadores e autores de obras dedicadas ao Pensador do Gatão, convocaram as razões ocultas, mas não obscuras, pelas quais se torna imperativa a leitura da obra de Teixeira de Pascoaes, vendo neste encontro a possibilidade de reflectir e dialogar acerca da força heterodoxa, proteica e renovadora que habita o sistema poético e filosófico de Teixeira de Pascoaes e da sua ligação poética e criacional à cidade de Amarante.

Pela tarde, realizou-se a cerimónia de inauguração da escultura honorífica de Teixeira de Pascoaes que contou com a presença do Presidente da Câmara Municipal de Amarante, José Luís Gaspar, o Coordenador da Cátedra Infante Dom Henrique para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização (FCT / Universidade Aberta / CLEPUL / APCA / IAC) e Director-Adjunto do CLEPUL, José Eduardo Franco, entre outras personalidades da cultura e do pensamento portugueses. **Sofia A. Carvalho**



Tardes Télmicas – Biblioteca Municipal de Sesimbra

As TARDES TÉLMICAS, actividade promovida pelo *Projecto António Telmo: Vida e Obra*, parceiro do Triénio Pascoalino, regressaram à Biblioteca Municipal de Sesimbra no dia 3 de Outubro, pelas 15h00, com a realização do Colóquio *No centenário da Arte de Ser Português, de Teixeira de Pascoaes*. Na abertura do colóquio, Sofia A. Carvalho, presidente da organização do 2.º Congresso Internacional do

Triénio Pascoalino dedicado ao centenário da *Arte de Ser Português*, apresentou este evento a realizar-se entre 14 e 16 de Outubro, em Lisboa. Depois da apresentação do projecto e do Congresso, foram ouvidos os seguintes oradores: Eduardo Aroso: “*A Arte de Ser Português, cem anos depois*”; Luís Afonso: “António Telmo e Teixeira de Pascoaes: breve reflexão sobre o Capítulo VIII da História Secreta de Portu-

gal”; e Sofia A. Carvalho: “*Da Arte de Ser Português, de Teixeira de Pascoaes, à Arte de Continuar Português, de António Quadros*”. **Sofia A. Carvalho**



As Criadas, de Jean Genet

Companhia de Teatro de Sintra / Chão de Oliva

SINOPSE

Escrita por Jean Genet em 1947, a peça *As Criadas* apresenta a história de duas irmãs, Clara e Solange, que trabalham como criadas numa casa. Conscientes da sua insignificância, levando uma vida de submissão, confinadas ao apartamento de uma Senhora rica, bela e bondosa que as man-

têm isoladas do mundo e mergulhadas na mais profunda solidão, elas sonham libertar-se da sua condição de servidão e para tal decidem matar a Patroa. Na ausência da Senhora, todas as noites se apoderam do quarto da própria, bem como das roupas e jóias, e aí ensaiam a sua morte numa representação na qual uma faz o papel

de Senhora e a outra de criada. Neste jogo de faz de conta, no qual elas elegem a Senhora como objeto do seu ódio que também é amor, da sua admiração que também é inveja, descarregam todo o seu rancor e raiva, mas nunca conseguem concluir a cena. Tal como na vida real. No entanto, perante a iminência de os seus

planos serem descobertos, acabarão por dar um desfecho inesperado às suas vidas.

COMPANHIA DE TEATRO DE SINTRA
A Companhia de Teatro de Sintra/Chão de Oliva (CTS/CO) foi a primeira estrutura profissional de teatro a ser criada em Sintra (1990). Desde então tem mantido uma actividade contínua e de oferta permanente, assim como um projecto artístico peculiar e coerente, particularidades que a diferenciavam de outros projectos profissionais neste concelho.

Atributo importante desta estrutura foi o processo que conduziu à sua formação, já que ele não “veio de fora”, mas antes partiu do desenvolvimento do trabalho de animação teatral feito junto das comunidades escolar e associativa de Sintra, e surgiu como uma necessidade natural de desenvolvimento qualitativo desse mesmo trabalho, só possível através da profissionalização.

Quanto à dinamização da região onde está implantada, a Companhia de Teatro de Sintra/Chão de Oliva, solidificou uma forte ligação ao circuito escolar e uma boa percentagem do seu público é composto por espectadores que viram pela primeira vez teatro na sua sala. Além disso apoia regularmente as montagens dos grupos de teatro amador activos de Sintra através da cedência de material.

Ainda ao nível da região, num âmbito mais alargado da sua implantação, tem vindo a estabelecer relações de trabalho com autarquias da Zona Oeste de Lisboa, tendo em vista a assinatura de futuros Protocolos de colaboração.

A nível nacional, o prestígio da Companhia tem vindo a ser consolidado, com reflexo nos convites para participação em festivais e também no estabelecimento de acordos de co-produção com companhias e estruturas de produção, portuguesas como são o caso de A Comuna

– Teatro de Pesquisa, Companhia de Teatro de Almada, Teatro em Branco, Teatro Praga, Transforma A.C., JGM, Arte Pública e estrangeiras: Comp^a Cuarta Pared, Madrid e Teatro Matarille, Santiago de Compostela.



CHÃO DE OLIVA. CENTRO DE DIFUSÃO CULTURAL DE SINTRA

Fundado em 1987, como consequência do múltiplo trabalho de animação cultural efectuado no meio escolar e associativo de Sintra, o Chão de Oliva – Centro de Difusão Cultural (CO), desenvolve actividades apoiadas em quatro eixos estruturantes: Criação, Produção, Acolhimentos e Formação, tendo o teatro como actividade-âncora.

Em 1990, e para responder a inúmeras solicita-

ções e à impossibilidade de a elas responder com uma estrutura amadora, foi criada, dentro do Chão de Oliva, a Companhia de Teatro de Sintra, primeiro grupo profissional de teatro nascido em Sintra; em 1994, e na sequência de um programa de formação orientado por especialistas, foi criado um novo grupo profissional, o “Fio D’Azeite – Grupo de Marionetas”, tornando-se as criações destes dois grupos no eixo gravitacional do trabalho do CO.

Ampliando o trabalho de Criação, esta associação sempre se distinguiu pelas suas actividades de Produção na

área das artes dos espetáculos. Começando na década de 90 por acolher propostas estéticas e actividades de formação relacionadas com várias disciplinas, o Chão de Oliva depressa evoluiu para a organização estruturada de acontecimentos, como as “4 Estações – Mostra de Dança Contemporânea de Sintra”, e os “Sons de JuN-Lho/ Festival de Música Urbana”. Tendo como ponto de reflexão estes dois eventos, o CO criou em 2010 um novo festival, o “TranS_Sintra / Prioridade ao Actual”, mantendo, entre 2008 e 2011, um festival dedicado à arte da marioneta, o Festival Inter-

nacional de Marionetas de Sintra (FIMS). Em Março de 2012, ano em que completou 25 anos de trabalho contínuo, o CO lançou o seu festival de maturidade, o Periferias – Festival de Artes Performativas em Sintra. Esta nova iniciativa, que passou a ser a única no calendário anual, engloba e condensa a experiência acumulada ao longo de todo este tempo na produção de eventos, tanto em termos organizativos como de transversalidade artística, e convocará para Sintra as experiências que se vão fazendo por esse país fora e também no mundo lusófono.

Crónica inédita de Lima Barreto encontrada na BN

A crónica “Portugueses na África”, escrita por Lima Barreto – provavelmente em 1907 –, nunca foi publicada; nem mesmo na coluna “Echos”, da revista *A Floreal*, à qual ela se destinava, segundo indicação do autor no verso de uma das folhas em que foi escrita. O ori-

ginal foi encontrado recentemente numa pasta do Arquivo Lima Barreto – que está preservado na Divisão de Manuscritos – pelo doutor em Estudos Brasileiros (Literatura e Cultura) pela Universidade de Lisboa, João Marques Lopes, hoje bolseiro do Programa Nacional de

Apoio a Pesquisadores Residentes (PNAP-R), da Biblioteca Nacional. João Marques Lopes estudou o modo como a obra de Lima Barreto, um dos mais importantes escritores brasileiros, foi recebida em Portugal. “Portugueses na África” faz duras críticas à ocu-

pação de territórios do interior de Angola até então sob o domínio de populações nativas.

A ocupação militar em 1907, com a conquista da província de Guanato, foi saudada com regozijo pela maior parte da imprensa portuguesa e também por alguns jornais brasileiros. Lima Barreto contestou com pura mordacidade o tratamento colonialista e racista dado ao acontecimento: «Tenho para mim que esses negros flexíveis e adaptáveis a toda a sorte de misteres, desde o de bestas de carga até o nobilíssimo de adversários dos esforçados varões do Portugal moderno, têm que acabar um dia. Se isso se der, a velha metrópole vai se ver atrapalhada para arranjar quem se preste à demonstração experimental de sua heroicidade eterna [...]». Na mesma pasta também foi achado o primeiro parágrafo da crónica “Os Jornais”, cujo tema é o assassinato do rei de Portugal, D. Carlos, em 1908.

Depoimento de João Marques Lopes

Tendo em atenção o trabalho exigente e sistemático de Beatriz Resende e Rachel Valença na edição dos dois volumes de *Toda a crónica, de Lima Barreto* (Rio de Janeiro, Agir, 2004), não seria de esperar que ainda houvessem crónicas ou esboços de crónicas do escritor carioca por identificar (e, consequentemente, por publicar).

Embora a jusante do nosso projeto de pesquisa, que consiste na “Recepção de Lima Barreto em Portugal: a documentação na Fundação Biblioteca Nacional (1909-1922)”, foi, portanto, com grande surpresa e alvoroço que, ao manusearmos uma pasta com seis tiras manuscritas e autógrafas de Lima Barreto, catalogada por Darcy Damasceno como “Pequeno Almanaque de Celebidades”, nos deparamos com duas crónicas desconhecidas.

Uma, intitulada “Portugueses em África”, está completa e centrava-se na denúncia de mas-

sacres de tribos indígenas então cometidos pelo colonialismo português nas possessões africanas no âmbito da campanha do Cuamato em 1907. Augurava mesmo a eventualidade de futuros movimentos independentistas negros.

A outra, cujo título seria aparentemente “Os jornais”, está incompleta e o tema é o impacto do assassinato do Rei D. Carlos na imprensa carioca. Impacto esse que Lima Barreto taxava de desmesurado e apenas compreensível à luz do então domínio do jornalismo do Rio de Janeiro por capitalistas da colónia portuguesa na cidade.

Embora não estejam assinadas ou datadas, a caligrafia não deixa dúvida quanto à sua autoria por parte de Lima Barreto e existem indicadores que permitem situar com certeza tanto a data quanto o lugar de publicação a que se destinavam, sobretudo no caso da primeira crónica.

Com efeito, “Os portugueses em África”, cujo original consta de três

tiras manuscritas, autógrafas e numeradas, comporta no verso da última tira uma anotação a referir que “devia ser publicada na A Floreal” e no canto superior esquerdo da primeira página tem a indicação da coluna “Echos” a que se destinava nessa mesma revista. Trata-se, pois, de um texto escrito nos últimos meses de 1907. Mas o mais importante não tem a ver com tais minudências, mas sim com a divulgação e a leitura destas duas crônicas que jaziam esquecidas e desconhecidas no Fundo Lima Barreto da Divisão de Manuscritos da Fundação Biblioteca Nacional.

PORTUGUESES NA ÁFRICA [1]

Os srs. já conhecem a coisa. De ano em ano, os jornais daqui e de além-mar noticiam estrondosas vitórias dos portugueses sobre os indígenas de suas possessões de África. No tempo dos “Lusíadas”, talvez por não existir o jornalismo periódico, não davam tanta impor-

tância a feitos idênticos. Pelo menos não tenho notícia que Lisboa festejasse retumbantemente Antônio Salema, que, aí pelos fins de Quinhentos, matou dez mil índios perto de Cabo Frio; e se ainda nos resta memória das proezas da gente assinalada em Diu e Goa é porque alguns cronistas precavidos e meia dúzia de poetas entusiastas registaram-nas em prosa de bronze, ainda áspero, e em grandiosos versos, um tanto monótonos.

Hoje, não havendo farta messe de ações heroicas, lá pelo velho Portugal, os jornais e o governo não deixam escapar uma só vitoriazinha. Os heroísmos são narrados um a um, em frases cheirando ainda à *Iliada*; os retratos são publicados e os plutarcas afiam a pena para mais essa centena de varões ilustres.

O que há em suma? Esta coisa simples: um destacamento português, de cem ou duzentas praças, derrota uma partida de desgraçados negros, duplamente

desgraçados por serem negros e por viverem em possessões do Portugal necessitado de vitórias.

Pelo jeito, o governo lusitano precisa demonstrar a vitalidade da nação; precisa lembrar ao mundo que o sangue heroico dos varões assinalados ainda não está de todo acabado; e para tal organiza, de quando em quando, umas justas *art-nouveau* em que morrem algumas dezenas de negros (ora, os negros!) e os portugueses praticam heroísmos dignos de versos gregos e do triunfo romano.

Tenho para mim que esses negros flexíveis e adaptáveis a toda a sorte de misteres, desde o de bestas de carga até o nobilíssimo de adversários dos esforçados varões do Portugal moderno, têm que acabar um dia. Se isso se der, a velha metrópole vai se ver atrapalhada para arranjar quem se preste à demonstração experimental de sua heroicidade eterna; e, a menos que a gente a quem outrora Marte obedeceu queira combater os

chimpanzés e os gorilas de África, Lisboa só terá festas com franco cunho guerreiro quando o governo das Necessidades sabiamente resolver condecorar com grandiosas solenidades os valentões da Baixa que se portarem heroicamente nas rijas com tripulações de barcos estrangeiros de passagem pelo Tejo. Então é que havemos de ver o indigesto Teófilo a explicar esse afloramento do Heitor português na população da sarjeta alfacinha e o velho Camões a bimbalar nas colunas dos jornais: Cale-se de Alexandre e de Trajano, A fama das vitórias... E poderá assim Portugal, e por muito tempo, achar nos seus registos de nascimento, no-

mes que se possam contar naqueles outros em quem, como o Albuquerque terrível e o Castro forte, a morte não teve poder. É ainda de Camões que, a meu ver, deve sofrer modificações convenientes para se adaptarem ao novo heroísmo de Portugal, se os nossos irmãos do Tejo querem um adaptador excelente, temos aqui à mão alguns experimentados em guerra. O Barão de Paranaguá calha, por exemplo...

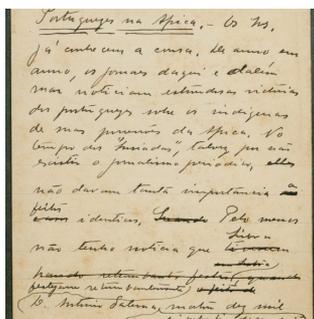
[1] A ortografia foi atualizada

OS JORNAIS

O assassinato do Rei de Portugal vem demonstrar do modo mais eloquente de que maneira a nossa imprensa carioca é uma pura e simples

exposição dos sentimentos e das opiniões do comércio português do Rio de Janeiro. O assassinato do rei D. Carlos, em si coisa lastimável para a sua família e os seus amigos, não podia ser no Brasil senão um caso secundário e provocador de condolências oficiais. Nada havia que o pudesse fazer um acontecimento capaz de enlutar e trazer coberta de tristeza uma grande cidade, de mais de oitocentos mil habitantes, situada a milhares de léguas do local do crime e em país estrangeiro. Graças, porém, à manha inaudita de um... [1]

[1] O manuscrito autógrafo termina aqui. No arquivo, apenas se conserva esta versão parcial.



Cátedra Convidada FCT/ Infante Dom Henrique para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização

Sinopse / Ideário Científico

A CIDH – Cátedra Infante Dom Henrique para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização institui-se à luz do ideário de promover a investigação fundamental e aplicada da herança cultural e científica das ilhas lusófonas em relação com o processo moderno e contemporâneo da globalização, articulada com o escopo de renovar e enriquecer os conteúdos pedagógicos das universidades lusófonas e dos territórios das diásporas insulares providas das ilhas atlânticas.

Assente numa matriz epistemológica marcadamente interdisciplinar e transdisciplinar, e na área matricial das Artes e das Humanidades, esta cátedra tem como desiderato primordial dinamizar a pesquisa em torno do património material e imaterial das ilhas atlânticas de língua oficial portuguesa, de modo a contribuir para

o seu conhecimento mais sistematizado e aprofundado. Este conhecimento crítico favorecerá a valorização das ilhas em termos de divulgação cultural e científica internacional e o aproveitamento para o desenvolvimento da indústria do turismo e de outras aplicações no plano da afirmação da herança cultural nas instâncias de reconhecimento mundial.

Com a crescente proliferação dos estudos nesológicos no plano internacional através da constituição de instituições em diferentes países com geografia insular, impunha-se a criação na Universidade Portuguesa de uma cátedra vocacionada, especialmente, para os estudos das ilhas ligadas, histórica, política e culturalmente, a Portugal.

Esta cátedra, a partir da área geral dos estudos de cultura, convocará as mais diversas áreas científicas para desenvolver projetos de inves-

tigação e de formação avançada, assentes no desiderato de obter resultados marcados pela transversalidade científica e pela complexidade das análises, com vista a uma atualização do conhecimento sobre as modalidades de criação cultural e científica em ambiente insular.



A criação desta cátedra insere-se na projeção programática da relevância da geografia das insularidades no século XXI, defendida por Grant MacCall, que considerou o nosso milénio como sendo o das ilhas. À luz desta convicção tornada lema, foi lançado, no quadro de organizações mundiais como a UNESCO, um debate

e programa de investigação científica em ordem a conhecer o papel das ilhas no contexto das sociedades hipermodernas e das relações de rede em pleno aprofundamento do processo de globalização. As comunidades científicas estão cada vez mais sensíveis ao lugar distintivo das ilhas e das redes que formam os arquipélagos, num estudo retrospectivo e prospetivo destes espaços extracontinentais que tem em consideração a sua importância geoestratégica e as suas particularidades culturais e identitárias.

Objetivo principal

Constituir-se como polo dinamizador da investigação e ensino dos temas ligados à insularidade no quadro das ilhas atlânticas, em particular as ilhas lusófonas ou ligadas à comunidade dos Países de Língua Oficial Portuguesa.

Plano de atividades da CIDH

Obras Épicas Insulares: preparação da edição criticamente anotada das principais obras épi-

cas insulares (Açores e Madeira). Serão recolhidos dados a fim de serem identificadas as principais obras épicas e proceder-se-á à transcrição, fixação e enquadramento crítico das que se destacarem como mais significativas.

Dicionário Histórico das Ordens nas ilhas atlânticas lusófonas (Açores, Cabo Verde, Madeira, São Tomé e Príncipe): dando continuidade ao projeto desenvolvido no CLEPUL, que deu origem à edição de um grande *Dicionário Histórico das Ordens* com o Alto Patrocínio da Presidência da República, estenderemos esta investigação aprofundada e detalhada às ilhas atlânticas de modo a dicionarizar o conhecimento sobre a presença, ação e legado das ordens e congregações nas ilhas atlânticas de língua oficial portuguesa.

Dicionário Enciclopédico da Madeira: levar a bom termo o projeto de redação, tradução e publicação de um dicionário enciclopédico com entradas sobre as

mais relevantes temáticas referentes à cultura, à história, à ciência, à geografia e à educação da Madeira, contemplando verbetes sobre a relação em várias matérias com o arquipélago açoriano.

Preparação de edições anotadas criticamente de obras completas de escritores insulares, nomeadamente dos Açores e da Madeira.

História da Solidariedade nos Açores e da Madeira: investigação sobre as manifestações e instituições de solidariedade entre a população na superação das dificuldades inerentes à vida insular.

Psicologia da insularidade: tendo em consideração o conceito de insularidade, serão investigados os traços psicológicos que caracterizam e diferenciam o modo de pensar, sentir, desejar e projetar do ilhéu. A partir dos dados recolhidos, serão elaborados artigos científicos e material digital pedagógico.

Biografias de empreendedores insulares: elaboração de biografias so-



bre as figuras empreendedoras que se destacaram no passado histórico das ilhas, bem como de personalidades atuais que têm um perfil empreendedor e que, por isso mesmo, podem inspirar a população em geral a ter atitudes sempre mais empreendedoras e a efetivar uma cultura empreendedora.

Os Açores no Almanaque de Lembranças (1851-1932). Textos e Comentários: este projeto visa reunir num só volume o conjunto dos textos em prosa e verso de autores e assuntos açorianos editados no *Almanaque de Lembranças* – primeiro dos três títulos do anuário fundado por Alexandre Magno de Castilho – a par com notas, comentários e estudos. Constituído por 86 volumes publicados entre 1850 e 1931 e reunindo um enorme leque de escritos de proveniência muito diversificada, o *Almanaque* inclui nas suas páginas interessante acervo de escritos sobre os Açores, cujo isolamento não im-

pediu o seu acesso a este espaço de ampla projeção cultural.

Linha de Estudos Insulares em programa de Estudos Globais: criação de uma Linha de Estudos Insulares num programa de Estudos Pós-graduados (Mestrado, Doutoramento, Pós-Doutoramentos e Agregação) em Estudos Globais, que poderá ser o alicerce para a criação de um Instituto de Altos Estudos Insulares e da Globalização.

Cursos de Especialização: conceção e implementação de cursos livres e de especialização em temas atinentes, em particular, à vida social e cultural das ilhas dos Açores, da Madeira, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe.

Reuniões Científicas: Pplanificação e realização de encontros científicos tanto sob a forma de congressos e de simpósios como de colóquios, seminários e *workshops*. Estas reuniões permitirão o aprofundamento interdisciplinar das temáticas refletidas pelos investigadores da cáte-

dra e dos demais interessados nestas temáticas.

Realização de um grande Congresso Internacional do Espírito Santo: Génese, Evolução e Atualidade da Utopia da Fraternidade Universal.

Laboratório Multimédia Educativo: criação de um laboratório multimédia visando a construção de produtos multimédia com fins pedagógicos e promocionais.

Produtos Multimédia Educativos e Culturais: conceção e desenvolvimento de e-guias turísticos e culturais, e-books, documentários temáticos de conteúdos pedagógicos digitais, aplicativos para *tablets* e *smartphones*, áudio-aulas e vídeo-aulas, etc.

Academia de Formação de jovens investigadores: conceção de cursos de formação e treinamento de jovens investigadores.

Instituto de Estudos Insulares e da Globalização: criação de um Instituto de Culturas Insulares para potenciar o trabalho e a reunião de recursos humanos e materiais que favoreçam e

deem amplitude ao trabalho da cátedra.

Dedicar dois volumes do projeto em curso intitulado “Dicionário da Oratória Impressa em Portugal” aos Açores e à Madeira.

Liderança da preparação e promoção do projeto Obras Pioneiras da Cultura Portuguesa em 30 volumes: este projeto visa selecionar e estabelecer de forma atualizada e criticamente anotada para edição, em co-operação com diversas entidades científicas portuguesas e lusófonas, as

Obras fundadoras da língua e cultura portuguesas de inscrição interdisciplinar.

Conceção e realização de um projeto para identificação, sistematização e preparação para edição das *Obras Pioneiras da Cultura Açoriana e da Cultura Madeirense*.

Conceber e promover o projeto de preparação da edição da *Obra Completa Pombalina* em 32 volumes, dando relevância aos documentos relacionados com os Açores, Madeira e Cabo Verde.

Concluir o projeto de in-

vestigação e redação do *Dicionário dos Antis: A Cultura Portuguesa em Negativo*, contemplando de forma bem patente as culturas açoriana e madeirense.

Incluir os Açores e a Madeira de forma expressiva no projeto “Imagens de Portugal: Identidades em Jogo de Espelhos”: Portugal Segundo a Europa; A Europa Segundo Portugal; Portugal Segundo os Países Lusófonos e Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira. **José Eduardo Franco**

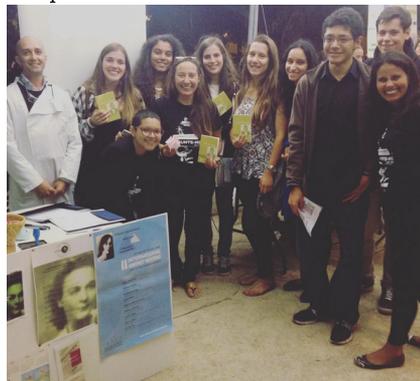




A Noite Europeia dos Investigadores, considerada a maior festa de Ciência da Europa, promovida pela Comissão Europeia no âmbito das Ações Marie Curie e procurando aproximar a Ciência da Sociedade, promover a investigação de excelência, decorreu simultaneamente em várias cidades europeias. No âmbito desta iniciativa, que decorreu no passado dia 25 de Setembro, no Príncipe Real, entre as 19h e as 24h, o CLEPUL, o CICSNOVA e a AMONET (apoiados pela CIG) prepararam a iniciativa “As Cientistas Apresentam-se”. Com esta iniciativa pretendeu-se dar a co-

nhecer algumas das mais emblemáticas mulheres que se afirmaram no universo científico em que as suas actividades decorreram e contribuir para o mais amplo conhecimento das esferas de actuação das mulheres na Ciência. Foi a primeira vez que participámos e o facto de termos estado em equipa multidisciplinar foi extremamente importante e as sinergias criadas levam já a pensar em projectos futuros, em plataformas colaborativas. As diferentes interações com gerações muito distintas acabou por ser estimulante e enriquecer o estudo que pretendemos ampliar. Definitiva-

mente, uma experiência a repetir!



O 10º aniversário da Noite Europeia dos Investigadores foi também oportunidade para uma dupla celebração, dado que a AMONET completa o seu décimo aniversário em 2015. **Isabel Lousada**

A construção na adversidade, ou a homenagem a José Eduardo Franco

Para uma geração, hoje é um dia feliz. Ironicamente feliz. Mas sim, muito feliz!

José Eduardo Franco recebe hoje a Medalha de Mérito Cultural, atribuída pelo Estado Português. Será o mais jovem cidadão a receber este galardão.

Para uma geração, a que hoje é tantas vezes designada como a mais habilitada de todas, a mais instruída, a mais capacitada, o Eduardo Franco é sinónimo de trabalho, de esforço, de empenhamento em quadros muitas vezes adversos, mas sempre com uma força e um sentido de missão que o levou a superar todos os obstáculos, mesmo aqueles lançados por quem teria todo o dever de o acolher, acarinhar e dar apoio.

Eduardo Franco fez todo um percurso, comum na minha geração, de bolsas e de projectos. Comeu o pão que o diabo amassou com milhares e

milhares de horas voluntárias em projectos de outrem. Deu o seu melhor em projectos que idealizou e dirigiu, e onde foi sempre o maior e inqualificável motor. Foi o responsável por muitos elementos altamente honrosos em relatórios de actividades de muitas instituições que, sem ele, pouco ou nada teriam para apresentar.

E, contudo, após um punhado de grandes encontros científicos internacionais marcantes, após vários projectos de investigação onde conseguiu reunir dezenas de investigadores e fundos imensos, após, dezenas e dezenas de livros publicados, o Eduardo Franco foi «apenas» mais um de nós na precaridade que nunca tiveram a coragem de lhe retirar, como se essa dimensão de inovação e de capacidade de trabalho fosse uma mácula, uma culpa, mesmo, que transportava por ser dinâmico e empreendedor, por não se resignar. O Eduardo Franco tem

como maior prova da sua capacidade e generosidade o desprezo a que é votado pelos ilustres da parte mais bafenta da nossa academia que continuam a achar que o Saber deve estar fechado e retido entre paredes onde apenas é gerido pelas políticas de progressão na carreira académica ou por simples mecanismos de tutela do poder simbólico que a cultura permite. Não, não são apenas alguns velhos do Restelo, nem mesmo velhos, apenas. É algo que nos remete para uma passividade que engorda os que não se movem e os que não arriscam.

O mais irónico é ver essa elite académica, parada, estática, tendente para a quietude, a ter de aplaudir um homem que é a negação do estar parado. O Eduardo Franco concebe a cultura como uma realidade transversal a toda a sociedade e, em sentido de retorno, a ela regressando para a alimentar. A Cultura,

afinal, só faz sentido se for direcionada para todos os grupos sociais. Só assim uma identidade se pode construir no futuro através da análise do passado. Tudo o resto não acaba por ser muito mais que um exercício de ego entre iluminados que numa mecânica autofágica se congratulam uns aos outros, esquecendo que há mundo para lá das paredes da sua sala de aula.

Felizmente, temos generosidades como a do Eduardo Franco. Uma generosidade de uma

cultura aberta, que olha para a produção cultural como uma realidade de todos e para todos, sorridente e não cabisbaixa, empenhada no futuro e não resguardada nas paredes poeirentas da academia onde o estatuto corresponde a autoridade, negando a mais elementar natureza do trabalho científico: o debate aberto para a superação de ideias.

Felizmente, temos o Eduardo Franco para nos mostrar algo que, no campo das Humanidades, até nos poderia

passar ao lado: afinal, e recompondo a frase batida mas muito actual, a universidade até pode iluminar o Povo antes de arder!

É da mais elementar justiça este acto de atribuição desta medalha. Afinal, a existir, Ele escreve direito por linhas tortas!

O maior abraço!

Continua a trabalhar.

Continua como és.

Paulo Mendes Pinto
[texto publicado no dia 18 de Setembro no blogue <http://qee tempus.blogspot.pt/>]



Da inquietude à transgressão: eis Bocage...

Exposição patente na Biblioteca Nacional de Portugal

17 de Setembro a 31 de Dezembro de 2015

Comemoram-se, a partir de Setembro de 2015, os 250 anos do nascimento de Bocage, um paradigma literário e cívico da cultura portuguesa.

A sua poesia multifacetada – cultivou com talento todos os géneros poéticos da época – caracteriza-se pela autenticidade, pela singularidade e pelo universalismo, estando omnipresentes na sua obra o lirismo, a intervenção social, o erotismo e a sátira.

Acresce, por outro lado, que Bocage fez incursões pela arte cénica e traduziu com rigor e criatividade os clássicos greco-latinos – Ovídio, Lucano, Virgílio, Muséu e Moscho – e os escritores coevos, como, entre outros, Voltaire, La Fontaine, Tasso, Racine, Delille e Madame du Bocage, sua tia-avó. A sua vida caracterizou-se pela inquietude, a irreverência e a transgressão. Perfilhou os princípios do Iluminismo,

criticou os valores serôdios do Antigo Regime português – a religião punitiva, a nobreza parasitária, o ensino entorpecedor, a moral sexual, o fanatismo e a ignorância – e exaltou o corpo, compondo poesia erótica que distribuiu clandestinamente, a qual só pôde ser publicada legalmente com o advento do 25 de Abril, ou seja, cerca de 200 anos depois do seu falecimento.

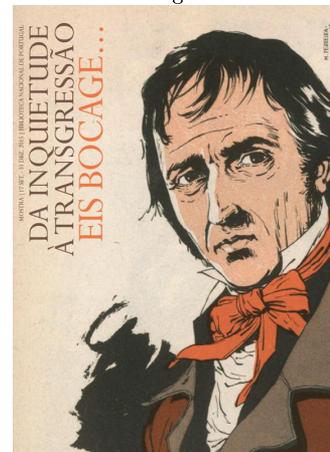
Bocage subscreveu dois manifestos iluministas, em verso, cuja actualidade é evidente. Não poderia deixar de ser, portanto, *persona non grata* para Diogo Inácio de Pina Manique, que o pôs a ferros no Limoeiro, tendo sido posteriormente libertado pela intervenção conjugada de personalidades relevantes do regime. Este acontecimento dramático deixou sequelas psicológicas e físicas inequívocas.

Bocage faleceu em 1805, aos 40 anos, intensa e

freneticamente vividos. Os seus restos mortais, por incúria das autoridades, foram para a vala comum. O seu legado, porém, vivifica o presente e incentiva a utopia.

A Biblioteca Nacional de Portugal associa-se às comemorações dos 250 anos do nascimento de Bocage, evocando o poeta, o tradutor, o dramaturgo e o cidadão.

A exposição é comissariada por Daniel Pires, membro do CLEPUL, e principal estudioso e editor de Bocage.



Entre Periódicos e Centenário: *Revista Feminina*

Galeria de Exposições da Biblioteca da FLUL

7 a 18 de Outubro

O estudo de periódicos por diversas áreas do conhecimento tem sido realizado cada vez com mais frequência no meio académico. Analisados sob diversos focos, jornais, revistas e folhetos têm conquistado cada vez mais leitores, possibilitando pesquisas engajadas, que visam a recuperação deste património e o resgate não só do valor histórico, mas também literário de muitos textos que aparecem nestas publicações. E não é difícil entender o motivo de tantos estudos voltados à observação dos periódicos brasileiros do século XIX e XX. Realizando um breve retorno histórico e adentrando no período de renovação da imprensa no Brasil, ocorrido em meados do século XIX, nota-se um importante momento de progresso nas técnicas de produção de jornais e revistas e por conta disso o surgimento de inúmeros periódicos, alguns voltados

às questões políticas, como a proclamação da República (1889), outros voltados ao simples registro dos acontecimentos quotidianos e os periódicos literários que se dedicam à divulgação da arte e da literatura. A preocupação destes jornais e revistas era a de oferecer uma maior democratização na leitura de obras literárias, uma maior acessibilidade da arte àqueles que diariamente folheavam as páginas destas publicações. É o caso, por exemplo, do periódico carioca *Gazeta de Notícias*, que se distingue dos demais jornais de sua época exatamente por dedicar maior espaço às obras literárias, usando dessa estratégia para atrair mais leitores para suas páginas.

É por existirem muitos textos literários a serem explorados, não só em jornais como também em revistas do final do século XIX e início do século XX, que muitos

estudiosos de literatura têm sido atraídos para o estudo destas fontes primárias de pesquisa.

Considerando-se a necessidade de se falar sobre o estudo das fontes primárias, e o fato de que temos em centenário a *Revista Feminina*, uma das publicações femininas mais consideráveis no contexto brasileiro, organizamos momentos em que se privilegiavam, essencialmente, os textos de Literatura e de imprensa para colocarmos em discussão sua relevância no âmbito das pesquisas científicas.

Além de mesas-redondas e videoconferências sobre o tema, coloca-se em exposição números da *Revista Feminina*, publicada no Brasil de 1915 a 1936, para propiciar aos estudantes e pesquisadores um maior contacto com esses escritos que por vezes permanecem sem consulta nos acervos, mas que constituem-se não só em bases históricas, mas

em fontes riquíssimas de conteúdo cultural e literário.

Para mais informações consulte o site <http://centenariorevista.wix.com/centenariorevista>.

Organização: Juliana C.

Bonilha; Isabel Lousada; Vania Chaves; Maria João Coutinho

Entidades promotoras: CLEPUL e Biblioteca da FLUL (Universidade de Lisboa); CICS.NOVA – FCSH (Universidade Nova de

Lisboa); UNESP – CEDAP (Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa); Arquivo Público do Estado de São Paulo

Apoio: Embaixada do Brasil em Portugal



Edição n.º 94, março de 1922. Arquivo UNESP

Arte de Ser Português

Mostra patente na Mezzanine da Biblioteca Nacional de Portugal, de 1 de Outubro a 31 de Dezembro

Assinalando o centenário da publicação da obra de Teixeira de Pascoaes, a *Arte de Ser Português*, a Biblioteca Nacional de Portugal e o Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CLE-

PUL) realizam uma mostra bibliográfica que reúne correspondência de Teixeira de Pascoaes, exemplares das revistas *A Águia* e *Seara Nova*, entre outros documentos que espelham esta época áurea do pensamento e da cultura portuguesas. Teixeira de Pascoaes

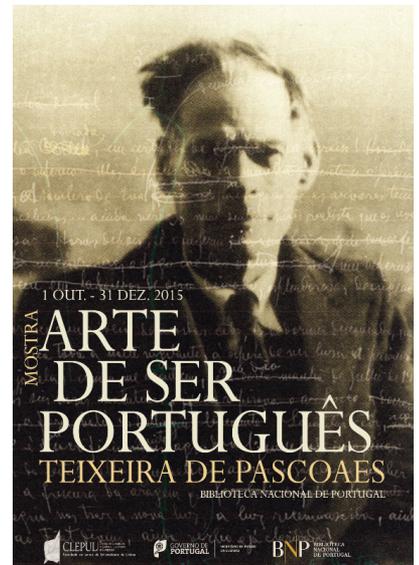
(1877-1952) foi, sobretudo na sua fase inicial, o principal inspirador e um dos representantes – juntamente com Álvaro Pinto, Jaime Cortesão, Leonardo Coimbra, António Sérgio e Raul Proença – do movimento designado por Renascença Portuguesa,

cujo órgão representativo foi *A Águia, Revista Mensal de Literatura, Arte, Ciência, Filosofia e Crítica Social*, e um dos expoentes máximos do Saudosismo, movimento teórico que aponta para uma cisão originária e a possível restauração da condição decaída do ser humano. A sua obra, dividida por poesia, prosa e reflexão, reflete a experiência ontológica, metafísica e teleológica da saudade, em que, além de uma dimensão profético-messiânica está presente também um cunho pedagógico ligado à preservação da alma e do modo de ser português. O pensamento de Teixeira de Pascoaes assume ainda uma faceta místico-religiosa marcada pela presença-ausência (conceito bicéfalo comum na crítica pascoalina) de Deus e da Natureza.

Simultaneamente, decorreu, entre 14 e 16 de outubro de 2015, o Colóquio Internacional *Arte de Ser Português*: no centenário da sua publicação, no qual se discutiram os princípios fundamentais da obra de Teixeira de Pascoaes e do pensamento português, evocando-se os primeiros anos do século XX, as controvérsias entre racionalismo e positivismo, o movimento da filosofia portuguesa, a predominância de um providencialismo messiânico, a urgência disruptiva do modernismo e, por fim, a presença de um projeto espiritual do pensamento português que cruza a totalidade do século. Sublinhe-se que, além da *Arte de Ser Português*, o ano de 1915 vê ainda surgir, pela mão de Fernando Pessoa, Almada Negreiros e Mário de Sá-Carneiro, a revis-

ta *Orpheu*, bem como *O Pensamento Criacionista*, de Leonardo Coimbra, que alteraria radicalmente o pensamento português.

Esta mostra e congresso inserem-se no Triénio Pascoalino, um conjunto de eventos que, entre 2014 e 2017, evocarão a figura de Teixeira de Pascoaes (1877-1952).



Esboços: Um breve olhar sobre a Cultura e Tradição Portuguesa no Século XX

Exposição de Haylane Rodrigues

Biblioteca Nacional de Portugal, 14 a 16 de Outubro de 2015

Ao longo de dois anos de descoberta e reencontro pessoal com Portugal e a sua tradição, o contacto com certos nomes tornou-se por demais incontornável. As diferentes personalidades associadas a distintos movimentos culturais que procuraram ao longo de todo o século XX português estimular o reencontro de Portugal com a sua alma e as suas gentes vislumbram-se como vates aos olhos de quem busca a matriz da portugalidade. Ainda durante o século XIX, a figura icónica de Sampaio Bruno, desa-

parecido há um século, marcou de forma definitiva esse primeiro momento de derradeira ruptura com a modernidade estrangeiradas ignota a matriz da alma portuguesa. Alimentado esse primeiro fogo ígneo, seguiram-se quatro importantes movimentos que, utilizando diferentes abordagens estético-filosóficas, convergiram nas suas intenções de redescobrir Portugal, devolvendo-o à sua missão e gestação natural. São eles a Renascença Portuguesa, o Integralismo Lusitano, os grupos de *Orpheu* e

da Filosofia Portuguesa. Movimentos onde se destacaram nomes tão distintos como Teixeira de Pascoaes, Leonardo Coimbra, António Sardinha, Afonso Lopes Vieira, Fernando Pessoa, Almada Negreiros, Álvaro Ribeiro, Dalila Pereira da Costa, entre inúmeros outros.

Esta mostra procura homenagear alguns desses vultos maiores da portugalidade que souberam, melhor do que ninguém amar e compreender Portugal, sob os signos da Saudade, Paixão, Amor e Glória.

Aproximações ao imaginário fantástico de Teixeira de Pascoaes: revoluções, visões e aparições

Exposição de Rouslam Botiev

Átrio da Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
14 a 30 de Outubro de 2015

Obras que integram a mostra: Faculdade de Direito de Coimbra; Tâmega e a Igreja de

São Gonçalo; Teixeira de Pascoaes e a *Águia*; Teixeira de Pascoaes, Liev Tolstói e Fiódor Dos-

toiévski; Pobre Tolo na ponte de São Gonçalo; Cantai o que não existe ... o resto é cinza; Toda

a alma é labareda, todo o ser é labareda; O dramaturgo da existência; O leão do deserto e a ilha de Santa Helena; Prefiro o Adão expulso do Paraíso; O Verbo e a ampulheta; Ah, saudade minha! Luz divina; Luz

crécia um fantasma dançante de mulher e a Viscondessa da Tardinha; Sou todas as cousas e todas as criaturas; A alma ibérica e as suas expressões misteriosas; Colagens (V quadros). Todos os quadros em

acrílico sobre papel, com as dimensões de 50x70cm

A reprodução dos quadros encontra-se disponível em http://congressosobiografias-trieniopascoalino.blogspot.pt/p/blog-page_9.html



Colóquio Internacional Século XXI: Que Modernidade, Hoje?

Teresa Martins Marques (*Raul Brandão: de Joyce ao Nouveau Roman*) e Ernesto Rodrigues (*Decadentes e Modernidade*) participaram, em 25 e 26 de Setembro, em Praga, no colóquio em epígrafe, organizado pelo Centro de Língua Portuguesa / Camões, Departamento de Estudos Lusobrasileiros da Faculdade de Letras da Universidade

Carolina e Sociedade Checa de Língua Portuguesa. Estudiosos da Hungria, Polónia e Rússia juntaram-se a brasileiros e portugueses, entre os quais, Isabel Pires de Lima, Helder Macedo, Zulmira Santos e João Figueiredo. A vitalidade do Português na República Checa, representada por Silvie Spankova e autoridades académicas, é uma

realidade, segundo o leitor, Joaquim Ramos. Além da Embaixadora de Portugal, Manuela Franco, que honrou os participantes com uma recepção, registe-se a presença de Marie Havlíková, peça fundamental (depois da docência) na tradução de obras portuguesas na terra natal de Kafka.

Cultura(s) em Negativo Portugal, a Europa e o Mundo Para uma sociedade mais (in)tolerante

Com o Alto Patrocínio do Presidente da Comissão Europeia

Olhar a história das sociedades vivas através de uma outra ótica, a partir daquilo que chamamos a(s) cultura(s) em negativo, é o que nos propomos debater numa reunião internacional e interdisciplinar de investigadores das mais diferentes áreas do saber, tendo os Estudos Culturais por área científica de partida.

O desiderato que presidiu à organização deste congresso consistiu em promover o estudo sistemático de todas as correntes e discursos centrados numa perce-

ção negativa do “Outro” (p. ex. antisemitismo, anticlericalismo, antibritanismo), na história de Portugal, mas também na sua articulação com a história europeia e de outras mundividências culturais e civilizacionais. Utilizando a metáfora do negativo fotográfico, abordou-se criticamente e caracterizaram-se as mais diferentes formas de produção cultural que enquadrámos no conceito de cultura negativa.

Do congresso, onde participaram pessoas de vários países, em 1, 2 e 3

de Outubro, em Braga, saíram duas iniciativas interessantes.

Será criado um ciclo de congressos trianuais sob o tema “culturas em negativo”. O próximo será em 2018 na Universidade Federal do Rio de Janeiro, organizado pelo Prof. Edgard Leite.

O Prof. Fabrice d’Almeida, da Universidade de Paris 2, vai, inspirado no congresso e no *Dicionário dos Antis*, propor uma série de programa na televisão francesa, canal 5, sobre os Antis em França e no mundo.

José Eduardo Franco



Congresso História e Mitologia: O Caos – As diferentes faces da desordem

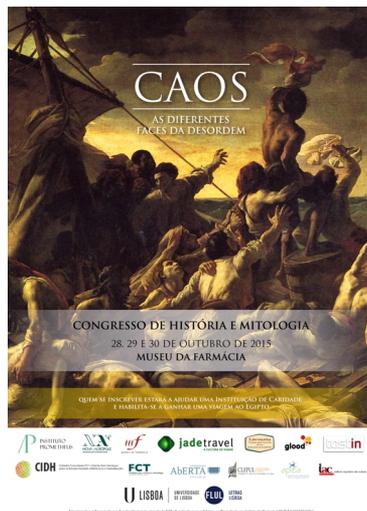
Museu da Farmácia, 28 a 30 de Outubro de 2015

De 28 a 30 de Outubro realizar-se-á a primeira edição do Congresso de História e Mitologia, subordinado ao tema “O Caos: as diferentes faces da desordem”. Este evento terá lugar no Museu da Farmácia e conta com a parceria do CLEPUL.

Neste congresso, se a ideia inicial se cingia a temáticas mitológicas, alargámos o conceito para as representações do caos ao longo da história, procurando

obter uma visão mais abrangente. Lembremos, principalmente, as repercussões sociais e políticas reflectidas nas diferentes interpretações deste conceito e do impacto cultural que certos eventos como a fome, as epidemias, os desastres naturais e a guerra, exímios causadores do caos, provocaram.

Mais informações em: <http://congressohistoriamitologia.weebly.com>



II Jornada em Estudos de Género. A mulher no contexto italiano e em países de língua portuguesa

Università degli Studi di Napoli - L'Orientale

4 e 5 de Novembro de 2015

Dando seguente ao debate aberto na “I Jornada de Estudos de Género. As Mulheres e a Escrita em contexto lusófono e italiano/ I Convegno sugli Studi di Genere. Donne e Scrittura in ambito lusofono e italiano”, realizada na Faculdade de Letras da

Universidade de Lisboa em Novembro de 2014, esta segunda edição vem retomar este mesmo debate, propondo-se também refletir sobre os estudos de tradução, e as relações interartes e os estudos de género, bem como a mulher no contexto africano em língua

portuguesa. Apresenta-se, nesta segunda jornada, parte do projeto em andamento sobre o diálogo luso-italiano entre Ada Negri e Florbela Espanca.

Alguns tópicos de análise: As escritoras na história da literatura italiana e as escritoras

na história da literatura em língua portuguesa; As traduções em língua portuguesa e italiana e os estudos de género; Os estudos sobre a língua e o género; As artes visuais e o estudo sobre as mulheres; A mulher no contexto africano em língua portuguesa; Florbela Espanca e Ada Negri, o diálogo e as problemáticas de tradução.

Colóquio Internacional Arquitetura assistencial luso-brasileira da Idade Moderna à contemporaneidade: espaços, funções e protagonistas

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Universidade Lusíada de Lisboa, 9 e 10 de Novembro de 2015

O presente Colóquio, organizado por instituições parceiras na investigação do Património da saúde, pretende reunir comunicações que contemplem o entendimento da Arquitetura assistencial no mais alargado escopo cronológico possível, no contexto do espaço luso-brasileiro, provendo uma abordagem global e pluridisciplinar com a caracterização das várias tipologias arquitectónicas associadas a esta importante função.

A compreensão da arquitetura como resultado

de uma funcionalidade concreta e do imaginário e repertório estético dos encomendadores, mesclando instituições e personalidades, deve somar-se aos estudos dedicados a conservação e restauro destes espaços, refletindo interseções entre ideais e técnicas antigas e contemporâneas. A organização deste evento é da responsabilidade científica do ARTIS – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, do Gabinete de Investigação “Misericórdias

e Instituições similares: assistência, património e cultura” (CLEPUL), ambos da Universidade de Lisboa, do Grupo de pesquisa “Saúde e Cidade: arquitetura, urbanismo e património cultural”, registado no Conselho Nacional de Pesquisa – CNPq (Brasil), integrando investigadores da Universidade Federal do Pará e da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), assim como do CITAD (Centro de Investigação em Território, Arquitectura e Design) da Universidade Lusíada de Lisboa.

Colóquio Internacional Vida e Obra de Mário Cláudio

Universidade da Beira Interior, 12 e 13 de Novembro de 2015

A Universidade da Beira Interior, Covilhã (Anfiteatro da Parada), acolhe, nos dias 12 e 13 de Novembro de 2015, o Colóquio Internacional Vida e Obra de Mário Cláudio. Este evento, que celebra os mais de 40 anos de trabalho literário de uma das mais brilhantes mentes da cultura portuguesa contemporânea, dando continuidade a um outro de menores dimensões realizado a 12 de Abril de 2013 na BMEL, Guarda, é organizado por Carla Sofia Luís, Alexandre Luís, Miguel Real, André Barata, Martinho Soares, Gabriel Maga-

lhães e tem o apoio do Departamento de Letras da UBI, do Centro de Investigação LabCom.IFP, bem como do CLEPUL. Esta iniciativa, além do próprio escritor homenageado, contará com a presença de alguns dos maiores especialistas da obra claudiana (oriundos de diversas Universidades de Portugal, Brasil, França e Itália), com o lançamento dos livros *Mário Cláudio e a Portuguidade* (coordenação de Carla Sofia Luís, Alexandre Luís e Miguel Real) e *Astronomia*, autobiografia ficcional de Mário Cláudio, com uma pequena exposição sobre

a vida e obra do escritor, com a exibição do filme documental sobre *Tocata para Dois Clarins* e ainda com um ponto de venda de livros.

O programa do colóquio é dividido em dois dias, 12 e 13 de novembro de 2015, com sessões de 9h e 13h. O dia 12 inclui uma sessão de 9h com o lançamento dos livros *Mário Cláudio e a Portuguidade* e *Astronomia*, e uma sessão de 13h com o filme documental *Tocata para Dois Clarins*. O dia 13 inclui uma sessão de 9h com o lançamento do livro *Mário Cláudio e a Portuguidade* e uma sessão de 13h com o filme documental *Tocata para Dois Clarins*. O programa também inclui uma exposição sobre a vida e obra do escritor e um ponto de venda de livros.

Congresso A Batalha e o Mosteiro de Santa Maria da Vitória.

História de uma Vila e Construção de um Mosteiro

Batalha, 12 e 13 de Novembro de 2015

A construção do Mosteiro de Santa Maria da Vitória inicia-se no ano de 1385 sob a égide de D. João I e tendo como mestre das obras Afonso Domingues. A tão gran-

diosa obra de construção durou cerca de três séculos, e possibilitou que a Escola Artística Batalhina se tornasse uma referência nacional. Consequentemente

desenvolveu-se a Vila da Batalha, que se tornaria um lugar com bastante importância nacional em termos artísticos, uma vez que lá residiam e para lá caminhavam

e convergiam um grande número de artistas nacionais e europeus das mais variadas áreas de trabalho, desde a arquitetura, escultura e tumulária, vitral, entre outras. Assim sendo pode-se afirmar que a Vila da Batalha nasce com a construção do Mosteiro de Santa Maria da Vitória e conjuntamente uma escola artística, o que podemos constatar não só no Mosteiro, como também na Igreja Matriz, na Casa da Misericórdia e na Ponte de Boitaca.

É também a partir do século XIX que nasce no

Mosteiro de Santa Maria da Vitória o primeiro Restauro Monumental, segundo os princípios de intervenção da época, levado a cabo inicialmente por Luiz da Silva Mouzinho de Albuquerque, originando a criação de um novo gosto e técnica, também estes seguidos a nível nacional em outros edifícios monumentais.

A partir destas premissas e dos estudos recentes acerca da edificação do mosteiro e da vila, bem como dos seus artistas, os Centros de Investigação ARTIS – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras

de Lisboa, CIDH – Cátedra Infante Dom Henrique para os Atlânticos e a Globalização, CITCEM da Universidade do Porto e CLEPUL da Universidade de Lisboa, em parceria com o Mosteiro da Batalha, consideram ser o contexto e momento ideal para a organização de um congresso subordinado ao tema A Batalha e o Mosteiro de Santa Maria da Vitória. História de uma Vila e Construção de um Mosteiro, a realizar na Batalha, nos dias 12 e 13 de Novembro de 2015.

Jornada Comemorativa dos 40 anos da Independência de Moçambique

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 29 de Outubro

O Grupo de Investigação de Literaturas Africanas do CLEPUL realiza no dia 29 de Outubro, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, uma jornada comemorativa do 40º aniversário da independência de Moçambique, com o alto patrocínio da Em-

baixada da República de Moçambique em Portugal, na pessoa da Embaixadora Dra. Fernanda Moisés Chiale, do Ministro Conselheiro Dr. Ananias Sigaúque e do Dr. Assane Saíde.

O evento é coordenado pelas investigadoras do CLEPUL Ana Paula Ta-

vares e Fátima Mendonça e conta com uma intervenção de abertura feita por Helder Muteia, escritor moçambicano e representante da FAO em Portugal e junto da CPLP. Na sessão da manhã, moderada por Ana Paula Tavares, participam os especialistas

de literaturas africanas Elena Burgioni, da Universidade do Minho, e José Luís Pires Laranjeira, da Universidade de Coimbra assim como o escritor moçambicano e docente da Universidade Eduardo Mondlane Lucílio Manjate.

A sessão da tarde, moderada por Fátima Mendonça, consta de uma Mesa-redonda subordinada ao tema “Diásporas Cruzadas: moçambicanos em Portugal, portugueses em Moçambique”, a qual tem num primeiro momento a apresentação de comunicações pelos investigadores Sheila Khan (Universidade do Minho) e Eugénio Santana (IGOT/UL – Instituto de Geografia e Ordenamento de Território da Universidade de Lisboa). Num segundo momento, intervêm com de-

poimentos Delmar Gonçalves (Associação de Escritores Moçambicanos na Diáspora) e José Teixeira (ex-Conselheiro Cultural da Embaixada de Portugal em Moçambique).

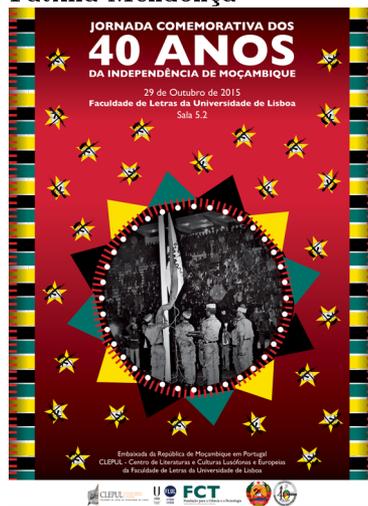
A Embaixadora da República de Moçambique em Portugal encerra a jornada.

A terminar o encontro haverá um momento cultural com a participação dos músicos André Cabaço e Malenga e leitura de poemas por Ana Paula Tavares, Delmar Gonçalves, Jorge Viagas e Luís Carlos Patraquim.

Embora a jornada pretenda assinalar especificamente os 40 anos da Independência de Moçambique, pelo carácter abrangente dos temas focados, e cruzamento de muitas questões abordadas, acaba

por constituir um momento de reflexão e debate sobre o significado das independências dos países que, tendo sido colonizados por Portugal, mantêm hoje com a antiga potência colonizadora relações descomplexadas de respeito mútuo e convivialidade.

Fátima Mendonça



29 de Setembro
Palácio da Independência: Seminário Internacional Pensamento Língua & Literatura: Efeitos de Encontro, organizado por Annabela Rita,

Fernando Gebra, Pedro Saraiva e Renato Epifânio e com a participação de Amanda Scherer, Eliana de Almeida, Lucília Maria Abrahão e Sousa, Renato Epifânio,

Vanise Medeiros, Luiza Castello Branco e Francisco Nuno Ramos

14 a 16 de Outubro
Academia das Ciências de Lisboa, Faculdade de

Letras da Universidade de Lisboa e Biblioteca Nacional de Portugal: Congresso Internacional *Arte de Ser Português* no centenário da sua pu-

blicação, iniciativa integrada no Ciclo Triénio Pascoalino

28 e 29 de Outubro

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

e Palácio da Independência de Portugal: Colóquio Internacional em Homenagem a Judith Teixeira. As Mulheres e o Modernismo

CONFERÊNCIAS

22 de Setembro

Biblioteca Nacional de Portugal: Álvaro Arranja, “Bocage visto por republicanos e anarquistas. O centenário de 1905”, iniciativa no âmbito da exposição *Da inquietude à transgressão: eis Bocage...*

23 de Setembro

Associação Empresarial de Comércio e Serviços dos Concelhos de Loures e Odiveelas: Ana Paula de Sousa Assunção participou na Cerimónia de Valorização do Poeta Manuel Francisco Soromenho

24 de Setembro

FNAC Colombo: Isabel Lousada e Sofia A. Carvalho participaram no encontro “Congressos & etc. Na via dos encontros científicos: modalidades, temáticas, in-

terdisciplinaridade, parcerias e colaboração entre gerações”, iniciativa integrada no ciclo Academia(s) em Interface

30 de Setembro

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa: Vicente Alves do Ó, “Cinema Português: um caso de amor”, no âmbito da iniciativa GECAPA TALKS

5 de Outubro

Agrupamento Vertical de Escolas D. Filipa de Lencastre: Isabel Lousada, “Rostos Femininos da I República”

7 de Outubro

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa: Francisco Alves, “A imprensa ilustrada caricata no sul do Brasil: representações femininas da vida política do século XIX” e Juliana Bonilha

“*Revista Feminina*”, iniciativa integrada no ciclo de conferências “Entre Periódicos e Centenário: *Revista Feminina*”

8 de Outubro

Palácio da Independência: Charters de Almeida, “As Cidades Imaginárias”, iniciativa promovida pela Academia Lusófona Luís de Camões

10 de Outubro

Sala das Sessões da Junta de Freguesia de Veiros: Joana Balsa de Pinho, “Património arquitectónico da Misericórdia de Veiros: contributos para o seu estudo”, no âmbito das I Jornadas de História Local de Veiros

13 de Outubro

Biblioteca Nacional de Portugal: Ana Margarida Chora, “O Orien-

talismo em Bocage”, iniciativa no âmbito da exposição *Da inquietude à transgressão: eis Bocage...*

16 de Outubro

Palácio dos Marqueses da Praia: Ana Paula Assunção, participação no painel “Associação Luiz Pereira da Mota – 100 anos de intervenção social”

22 de Outubro

Biblioteca Nacional de Portugal: “A transgressão em Bocage”, iniciativa no âmbito da exposição *Da inquietude à transgressão: eis Bocage...*

27 de Outubro

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa: Maria João Rocha, “Televisão, um electrodoméstico?”, no âmbito da iniciativa GECAPA TALKS

Biblioteca Nacional de Portugal: Claudia Poncioni, “A revista *Atlântida* na correspondência de João Barreto a João de Barros”, e Virgínia Camillotti, “João de Barros e a imprensa brasileira”, integradas no encontro dedicado ao Centenário da Revista *Atlântida*

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa:

Gilda Santos, “*Annona*: o primeiro periódico de culinária em língua portuguesa”, iniciativa integrada no ciclo de conferências “Entre Periódicos e Centenário: *Revista Feminina*”

30 de Outubro

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa: Álvaro Simões Júnior, “Ecos do decadentismo-simbolismo português na imprensa brasileira”, iniciativa integrada no ciclo de conferências “Entre Periódicos e Centenário: *Revista Feminina*”

OUTRAS ACTIVIDADES

8 de Outubro

Biblioteca Nacional de Portugal: recital de Luiza Sawaya subordinado à temática “Rio de Janeiro, berço esplên-

dido da Modinha e do Lundu”

8 e 18 de Outubro

Visita comentada por Augusto Moutinho Borges à “Casa do Cipreste

– uma casa de família. São Pedro de Sintra. Património Icónico da Arquitetura Portuguesa da autoria de Raúl Lino 1914-1917”

Edição: Ernesto Rodrigues, Luís Pinheiro